



Projeto de Lei nº /2025, da Vereadora Cris Monteiro (NOVO)

“Estabelece especificações e diretrizes para o Programa Celular Alerta (PCA), que regula o comércio de aparelhos e peças usadas de telefones celulares.”

A Câmara Municipal de São Paulo Decreta:

Art. 1º Esta Lei estabelece especificações e diretrizes para o *Programa Celular Alerta (PCA)*, que regula o comércio de aparelhos e peças usadas de telefones celulares no município de São Paulo.

Art. 2º Para os efeitos desta Lei, considera-se:

- I - aparelho celular usado: telefone móvel que tenha sido objeto de comercialização anterior a qualquer título;
- II - peça usada: qualquer componente ou parte retirada de um celular já utilizado;
- III - vendedor: pessoa física ou jurídica que comercializa os aparelhos e peças usadas de telefones celulares;
- IV - fornecedor: pessoa física ou jurídica que abastece o estabelecimento vendedor com aparelhos e peças usadas de telefones celulares.

Art. 3º A atividade de compra e venda de aparelhos e peças de celulares usados, destinados ou não à manutenção do telefone móvel, somente poderá ser realizada mediante registro prévio junto à administração pública local, sem prejuízo da obtenção de alvará de funcionamento.

Parágrafo Único. Esta lei se aplica a todos os estabelecimentos que comercializam celulares ou respectivas peças usadas, independentemente do meio de venda.

Art. 4º O registro de estabelecimentos de que trata o artigo 3º está condicionado à comprovação dos seguintes requisitos a serem exigidos do vendedor:

- I - Posse de alvará de funcionamento;
 - II - Apresentação de certidão negativa de antecedentes criminais do titular e funcionários contratados para o exercício de atividade; e
 - III - inscrição ou comprovante de dispensa de inscrição nos respectivos órgãos fazendários.
- § 1º O registro terá validade máxima de 1 (um) ano, para primeira renovação, e de 2 (dois) anos nas renovações subsequentes.

§ 2º No ato de cada renovação será exigida novamente toda documentação descrita no caput do artigo.



§ 3º É obrigatória a fiscalização *in loco* pelo órgão executivo como parte das medidas fiscalizatórias prévias a serem tomadas antes da concessão, da complementação ou da renovação do registro, assim como a realização de fiscalizações periódicas.

Art. 5º Ao estabelecimento registrado e que tiver seu registro renovado por ao menos uma vez será dado o Selo do Programa Celular Alerta (SPCA), como forma de trazer segurança ao consumidor e transparência ao negócio.

Art. 6º Cada estabelecimento comercial deverá criar um banco de dados de informações de celulares e peças usadas, que ficará à disposição de qualquer órgão fiscalizador, sempre que solicitado, e será alimentado com, no mínimo, as seguintes informações:

I - Data de aquisição do produto;

II - Nome completo, endereço, RG e CPF/CNPJ do fornecedor;

III - Número de série da peça, quando aplicável, e o IMEI do aparelho;

IV - Nota Fiscal eletrônica ou documento equivalente.

Parágrafo único. A nota fiscal, recibo ou documento equivalente de entrada deverá conter dados completos do aparelho, além de nome e CPF/CNPJ do fornecedor do aparelho.

Art. 7º As plataformas de comércio eletrônico que viabilizarem anúncios de aparelhos telefônicos celulares deverão exigir, previamente à disponibilização de anúncio de venda desses aparelhos, cópia digital do RG, CPF, comprovante de endereço e declaração do anunciante quanto à responsabilidade pela procedência lícita do bem vendido.

Parágrafo único. A documentação prevista no caput deste artigo deverá ser mantida nos bancos de dados da plataforma por 5 (cinco) anos e poderá ser solicitada pelo comprador ou por autoridade policial.

Art. 8º - Fica proibida a revenda de celulares bloqueados por extravio, furto ou roubo e peças usadas sem a devida identificação de procedência lícita.

Art. 9º O descumprimento do disposto nesta Lei sujeita o infrator às seguintes penalidades:

I - Advertência por escrito, nos casos de infração leve e de primeira ocorrência, quando não houver prejuízo direto à fiscalização ou ao rastreio do produto;

II - Multa de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) para infrações leves e médias, que envolvam falhas documentais parciais ou incorretas, sem prejuízo à identificação da origem do produto, aplicada em dobro em caso de reincidência;

III - Multa de R\$ 15.000,00 (quinze mil reais) para infrações graves, como ausência total de documentação fiscal ou comercialização de aparelhos de procedência duvidosa, aplicada em dobro em caso de reincidência;

IV - Na hipótese de terceira reincidência, será determinada a cassação do registro de funcionamento do estabelecimento;

V - Nos casos de infração grave com reincidência, poderá ser determinada a interdição administrativa e lacração do estabelecimento.

Parágrafo único. A qualificação e detalhamento referente a gravidade das infrações e suas especificidades deverão ser regulamentadas pelo Executivo.



Art. 10 As despesas decorrentes desta lei correrão por conta das verbas próprias do orçamento, suplementadas, se necessário.

Art. 11 Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.



Justificativa

A cidade de São Paulo vive uma escalada preocupante na criminalidade urbana, especialmente no que diz respeito ao furto e roubo de aparelhos celulares. No primeiro bimestre de 2025, um celular foi roubado ou furtado a cada três minutos na capital paulista, segundo dados oficiais da Secretaria de Segurança Pública (SSP). Esse ritmo alarmante reflete uma dinâmica criminoso que já se consolidou como um dos principais vetores de insegurança na vida cotidiana da população.

Neste mesmo ano, quando analisado o primeiro trimestre, a cidade registrou o maior número de furtos da história para o período, segundo dados da SSP. Foram 65.135 furtos apenas nos três primeiros meses do ano, um crescimento de 21% em comparação com o mesmo período de 2024. Boa parte desses crimes envolve a subtração de celulares, que se tornaram alvos preferenciais em razão de seu alto valor de revenda e facilidade de escoamento no mercado informal.

Estudos e levantamentos realizados por organizações de segurança apontam que a principal motivação por trás do roubo de celulares está diretamente associada à revenda clandestina e ao desmonte dos aparelhos, cuja comercialização ocorre com baixo controle institucional. Estima-se que cerca de um em cada quatro celulares vendidos no país tenha origem ilícita, o que evidencia a capilaridade e lucratividade desse mercado paralelo.

Esse comércio opera à margem da legalidade e frequentemente se vale de brechas na regulação e da fragilidade de fiscalização em ambientes físicos e digitais. A facilidade de revenda, tanto em lojas físicas não regularizadas quanto em plataformas online, contribui diretamente para a reincidência desses crimes, uma vez que garante retorno financeiro quase imediato aos infratores. Dessa forma, qualquer política pública que pretenda reduzir efetivamente os índices de criminalidade precisa atingir não apenas os autores dos delitos, mas também a cadeia econômica que viabiliza e estimula essas práticas, o que se propõe neste projeto.

Além disso, as plataformas de comércio eletrônico também representam expressiva fatia no mercado de aparelhos celulares e, conseqüentemente, movimentam as irregularidades desse mercado. São Paulo é o estado com maior prejuízo em decorrência das fraudes envolvendo smartphones, que representam R\$18,1 milhões, concentrados na capital. A partir da propositura, essas empresas virtuais serão igualmente responsabilizadas pela exigência de documentos e declarações do anunciante que comprovem a procedência lícita do aparelho antes da veiculação do anúncio, assim como as físicas. Essa medida é essencial para coibir a prática de escoamento digital de produtos oriundos de crime, que muitas vezes ocorre sem qualquer verificação prévia das plataformas.

Com a estruturação de um sistema que integra informações cadastrais, fiscais e criminais, pretende-se não apenas aumentar a transparência e a responsabilidade no setor,



mas também fornecer às autoridades mecanismos mais eficazes para o rastreamento de produtos e identificação de receptores. Trata-se, portanto, de um modelo capaz de combater um dos crimes que mais assolam a população paulistana e aumentam a percepção de insegurança pelos munícipes, um bem necessário a uma cidade grande e alvo desta criminalidade.